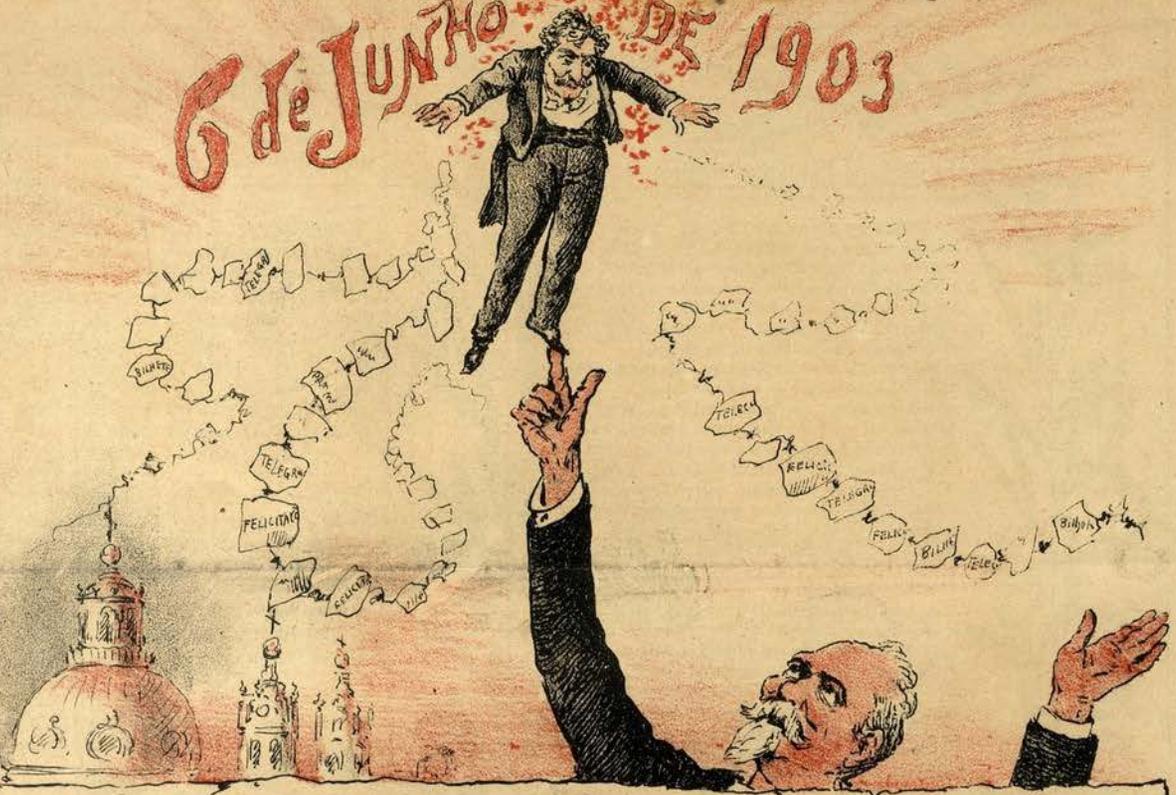


6 de JUNHO DE 1903



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

N.º 22 — LISBOA, 11 DE JUNHO

1.º ANO 1903



PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assinaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 12500 rs.
NOTA: — As assinaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
111, Rua do Norte, 113
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

EM QUE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO EXPERIMENTA A VERTIGEM DAS GRANDES ALTURAS...

De Raphael Bordallo Pinheiro

Aos seus confrades da Associação dos Jornalistas, aos seus amigos e aquelles que se dignaram mostrar-lhe tamanha sympathia, por occasião da dupla manifestação de 6. — Raphael Bordallo Pinheiro agradece.

A offerta de um album, no qual tão numerosas e varias individualidades, na politica, na sciencia, nas artes, nas letras, deixaram inscriptos tantos pensamentos de solidariedade, foi a primeira d'essas manifestações. Esse album é tudo quanto lega aos seus, mas elle é verdadeiramente uma fortuna, porque e, ficara sendo o premio espiritual da sua vida.

A segunda manifestação com a qual egualmente tão numerosas e distinctas pessoas o quizeram honrar, foi o banquete effectuado na sala do theatro de B. Maria, e se d'ella não fica a mesma immorredoura memoria, d'ella ficará guardada no seu coração, emquanto elle pulsar, a commovente lembrança.

Ambas tiveram para elle uma significação que plenamente recompensou os tumultuarios esforços da sua existencia em favor do Bem e da Arte.

Mais do que os seus confrades, mais do que os seus amigos, n'esse dia maravilhoso elle encontrou reunido—o seu Tempo, e esta perfeita conciliação de tantos espiritos diversos e de tantas diversas opiniões, congregadas para honrar na sua pessoa um homem, cuja obra não tem sido sempre conciliatoria, elevou-o acima de si mesmo e das suas paixões e concedeu-lhe um momento de ineffavel gratidão.

Fez a guerra aos factos, fez a guerra aos homens, combateu principios, combateu interesses. Rin. Que o seu riso foi saudavel, prova-o esta hora de concordia.

Ainda bem.
Ter combatido o seu tempo e não se ter indisposto com o seu tempo—eis um maravilhoso desideratum. Tel-o attingido, eis a boa fortuna da sua carreira d'artista.

AS TRES ÉPOCAS

O homem destinado á publicidade tem na vida—onde li eu isto?—tres grandes épocas: aquella em que é desconhecido, aquella em que é combatido, aquella finalmente em que é consagrado.

Como dizia o sr. de La Palisse, o homem nasce obscuro. De memoria humana, apenas os primogenitos regios são marcados no berço pela celebridade. Fóra do privilegio, o homem ao nascer é apenas um acontecimento notavel para os auctores dos seus dias. Para o mundo, elle é um ignorado e mal se distingue no chato mecanismo da população.

Esta phase de obscuridade prolonga-se pela vida adiante até o momento em que a formação da individualidade começa.

Quando o homem dá accordo de si e se sente obscuro, soffre.

A obscuridade é uma prisão, onde não entra o ar e onde não entra a luz.

Ser obscuro é estar emparedado em si mesmo. Ser obscuro é viver em estado de sequestro. A obscuridade é o carcere privado.

O homem obscuro tem a impressão de que é impermeavel. A vida passa a seu lado e não o attinge. A obscuridade é uma capa d'oleado. A obscuridade é um scaphandro.

O anonymato afflige. Aquelle que se considera anonymo reconhece trazer consigo uma mascara, que é o seu rosto, e um dominó, que é o seu sobretudo. Falta-lhe o ar dentro de si mesmo.

Passa. Ninguem o olha.

Fala. Ninguem o escuta.

Está na vida e ninguem dá por elle.

Desesperadamente lucha por despedaçar o seu envulcro.

Este exhibe uma farta cabelleira.

Aquelle arvora um collete encarnado.

Este fala alto.

Aquelle arrasta ruidosamente os pés.

Todos á uma, procuram sair da obscuridade, seja actuando, seja tossindo.

Primeira época.

Segunda época—Eis emfim rompia a obscuridade.

O homem attingiu o seu primeiro desideratum: abandonou a multidão; é já uma individualidade. O seu nome foi pronunciado por muitas bocas. A publicidade dos jornaes deu-lhe um curso ainda maior. Elle saiu do domicilio. Agora, pertence á sua rua, ao seu bairro, ao seu paiz.

A sua physionomia divulga-se, como se divulgam as suas idéas e o côrte das suas calças, e o homem entra em acção.

Eillo em plena luz disputando o seu lugar aos outros, invectivando este, atropellando aquelle, derrubando um, derrubando outro, porque o seu objectivo agora é chegar — chegar ao seu lugar, marcar a sua cadeira e sentar-se.

Esse lugar chama-se Fortuna. Esse lugar chama-se Gloria.

A sua passagem é feita de resistencias, de antagonismos, de rivalidades, de encontrões, de odios e de pisadellas.

Em volta d'elle desencadeia-se uma tempestade. E' a hora do combate.

Trava-se o combate.

D'um lado está o homem, com a sua ambição de vencer. Do outro está o seu tempo com o seu empenho de o derrotar — e o homem, só, dá batalha ao seu tempo.

E' uma lucta homérica. Os inimigos pullulam. Todas as forças que lhe procuram resistir se harmonizam para o combater.

E' mister que elle seja forte.

E' forte.

Venceu.

Mas o seu triumpho é feito do despeito alheio. As feridas que abriu, as lesões que causou, as resistencias que destruiu, as vaidades que irritou lentamente afastam-se como feras intimidadas, mas ficam-se de longe a farejar-o em silencio.

Aqui e ali, ouve-se uivar ainda, mas a tormenta passou.

O homem tem o orgulho de si mesmo e do seu esforço, mas reconhece-se ainda só, n'um circulo de hostilidades contidas, que não desarmam.

Os nossos inimigos só deixam de o ser, quando perdem os dentes. E' o que lhe vai succeder.

O tempo desarma as paixões.

Terceira época.

O homem passou com a sua mocidade, as suas luctas, os seus duellos, os seus triumphos sangrentos.

A morte levou as suas victimas. Cicatrizaram as feridas que fez. Elle mesmo repousa. Os seus enthusiasmos foram-se pouco a pouco apagando, como brazas de uma fogueira que já ninguem sopra. O seu lugar está conquistado. Já ninguem lh'o disputa. A sua gloria tem luz propria como um sol e é benéfica. Todos voltam para elle os olhos reconhecidos.

E' o momento da consagração. O homem já não importuna o seu tempo e o seu tempo concede-lhe tanto mais facilmente os louros da victoria, quanto elle já os cinge na sua fronte magnífica.

Com Raphael Bordallo Pinheiro dá-se, porém, este facto singular: é que este homem attinge a hora da consagração, ainda na hora do combate. Ainda está em guerra com o seu tempo e o seu tempo já se declarou reconciliado com elle.

Quer dizer:—o seu tempo reconhece-se vencido.

Não pôde haver mais bella e fulgurante victoria.

JOÃO RIMANSO.



DEPOIS DO JANTAR

Quem no sabbado passado se encontrasse na sala do theatro de D. Maria, onde se realizou o banquete d'honra a Raphael Bordallo Pinheiro, poderia assistir a um espectáculo inedito em Portugal, qual foi o de se encontrarem reunidos no mesmo recinto, á mesma mesa, *coude à coude*, e sabe Deus se os cotovellos se sentiam n'esse régosijante apertão! — os individuos das opiniões mais oppostas e mais em guerra entre si.

Os homens — todos os sabemos — estão profundamente divididos em Portugal, já na ordem politica, já na ordem intellectual, já no terreno meramente pessoal das sympathias.

Portugal é um paiz pequeno. Lisboa uma sala. Vive-se n'uma intimidade excessiva e não ha nada que contribua mais para separar os homens do que é o facto de os approximar exaggeradamente.

Raphael Bordallo Pinheiro pôde ufanar-se de ter por um momento reconciliado todos os antagonismos portuguezes. Divirgem todas as opiniões. Sobre elle é que ha — isto viu-se — uma só.

No banquete de sabbado, o velho Portugal deu as mãos ao Portugal novo. O Portugal conservador tocou no copo do Portugal revolucionario, Velhos inimigos pactuaram. A Sociedade fez treguas.

E foi este um espectáculo que deve ter profundamente commovido o velho luctador, que, tendo lançado entre os homens tantas sementes de discordia, acabou afinal por os pôr d'accordo.

Após uma tão agitada existencia, podemos emfim dizer de Raphael Bordallo Pinheiro — *Tout est bien qui finit bien*.



A proissão de S. Jorge

O nosso Zé, purissimo christão, Esqueceu toda a casta de cuidado, E foi vêr a devota proissão Do milagroso santo atarrachado: Rezou com verdadeira contricção Para d'alma enxotar algum peccado... Porque o Zé, que só ama o foguetorio, Também tem muitas culpas no cartorio.



— Olha o grande S. Jorge! o santo inglez Tão respeitado no terreno luzo!... Como elle acode ao povo portuguez Quando este pelinirão se vê confuso!... Monta com todo o garbo e altivez, Graças á protecção do parafuso. Mas agora eu reparo... é quasi igual A'quelle meu amigo Soveral!

Olha o homem de ferro! Um dos guerreiros Capaz de combater co'as proprias feras; Fez mais do que Roldão e que Oliveiros, Foi o mudo d'Alcant'ra d'outras eras!... Não tinha medo algum dos estrangeiros, Portuguez d'aço, e portuguez devéras!... Francamente, só posso comparal-o Ao que fez o Convenio, obra d'estalo!

Olha! Lá vai o pagem com a lança, Ostentando farpella muito rica!... Já vi um tal e qual em certa dança Que no dia de entrudo são da Bica!... E é que sabe montar, a tal creança, 'Stá gorda, não padece de larica!... Se vestisse um fatinh' tão formoso Passava a seductor o D. Mattoso!

Olha os archeiros! Tropa assignalada, Capaz até de combater lagartos! Se rapam da alabarda, a bordoadá Deixa a boia do mundo feita em quartos!... Usam meia de seda apirromada, Nas barrigas das pernas andam fartos... E assim quizera eu vêr os immortaes Arroyo, Franco, Dias e outros mais!

Cá vão os meus pretinhos! Gente são, Mestres d'alto valor em solfa bunda, Tocam o afinadissimo *p'ra gran* No meio de tamanha barafunda!... Oh! De certo não foi idéa vã Escolher esta musica profunda... P'ra celebrar o santo — e, juntamente, O tal Convenio, salvador da gente.

E o Zé ficou devéras consolado, Pois que faz timbre em ser christão de chapa; Rezou, mesmo na rua ajoelhado, E foi beber um litro de zurrapa! Depois, p'ra variar, cantou o fado Edisse alguém que até *pingou a capa*... Mas dormiu como um porco do Alemtejo Quando come bolota de sobejo.

VENANCIO.



VINTE ANNOS DEPOIS



1879

1903

— Faz favor, empresta-me o seu lume?

CASOS E COISAS

S. Jorge

Antigamente, ainda merecia a pena ser S. Jorge — n'este paiz.

Desde a vespera do dia da procissão, Lisboa inteira se paramentava, enfeitava, penteava, para o grande cortejo.

Na madrugada d'esse dia, as ruas enchiam-se de gente, que saia das casas onde mal conciliara o somno ou entrava pelas portas, vinda dos arredores.



Mal o sol batia nos arruamentos começavam a ouvir-se toques de cornetas, iam apparecendo os regimentos para a revista, desdobravam-se as colchas nos parapeitos das janellas, onde em breve assomariam os bustos graciosos das mulheres — vestidas de claro.



Por este tempo procedia-se no Castello á toilette do santo; á montagem, no soberbo cavallo branco, do protector das batalhas, flammante de sedas, de chapéu de aba levantada, em ar de pessoa um tanto dada a desordens, mas que n'elle se perdoavam porque eram desordens santas, aquellas em que se metterá e protegerá.

Até que pelo meio dia, apparecia a procissão descendo do Castello. Os pretos com os seus pifanos infernaes e tambores desafinados — precediam o santo.



Este apparecia, coberto de pedras, cortejador, atarrachado á sella, barba preta e pluma branca, com uma lançasita symbolica em ar de enxota moscas a agitar o ar cheio de folhas de rosa e de perfumes, que lhe lançavam das janellas as mãos brancas das lisboetas, enlevadas no garbo do seu S. Jorge, que para todas e sobretudo para as novas, tinha o seu quê de alferes de cavallaria.



Atraz do homem de ferro, e atraz d'este magnificos cavallos ricamente ajaezados.



A seguir as irmandades, as bazilicas.

Ao fundo o pallio; a nobreza, o clero, a côrte; o rei rodeado dos grandes do reino, emproados nas suas fardas de vistosos ornatos.

Nas ruas o povo era compacto; as janellas eram pinhas de gente; os beirões dos telhados e as arvores enchiam-se de garotos.

Havia uma alegria sã, geral; namorava-se muito, amava-se...

Era um dia grande para a cidade e o santo um grande santo.



Tudo isso desapareceu.

A procissão nem se vê. Sabe-se que se faz, pelos jornaes. O santo dá uma volta ao largo da Sé, encolhido, triste, envergonhado e vae-se.

Já não é d'este tempo! As batalhas d'agora são feitas com cinco dedos em rodizio, dispensam lança, requerem manha.

O calendario é outro. Bom santo — o melhor é reagires e não ires dar, nem mesmo a misera volta, não vás ouvir qualquer dia a voz de um garoto sair da multidão e gritar-te:

— Vae-te despir que não tens graça nenhuma.

Nem graça, nem respeito, amigo S. Jorge! Isto é terra que nem para santos já serve.

DOIS EMES.



Conselheirice

Diz-se que se deu com o conselheiro... O qual conselheiro, a despeito de não ser já novo, nem propenso a amores, se não livrou, como a todos acontece, de uma paixãoeta.

E, por quem? Por uma creada. Uma rapariga appetitosa, que lhe chegou da provincia, fresca como uma alface ou um rabanete.

As coisas andaram e a entrevista marcou-se. Naquelle dia, chovia immenso. Abi pelo meio dia o conselheiro preparava-se para sair quando a mulher chega:

- Então vae sair?
- Vou.
- Com um dia d'estes?
- E' negocio de urgencia.
- E' melhor não saires... ou espera...
- O' filha não posso...
- Mas saires assim... para te ires pôr n'uma sôpa... faz o que quizeres.

O conselheiro olhou a mulher... Hein? E esta?... E pretextando indisposição — por cautella — o conselheiro não saiu.



OUTRA NA FERRADURA

O que é o mal medico ?
Em litteratura, o mal medico é a imaginação do physiologista, e o vocabulario scientifico dos medicos postos ao serviço da arte.

Verbi gratiae :

«Córam ao sol os lameiros o verde envernizado das pradarias, a través das manchas d'artrosas das carvalheiras, amortalhadas na folhagem secca etc.»

Está-se d'aqui a ver os d'artros.
Em seguida — sempre na mesma ordem de idéas :

«Como dizer que sob esta figura balsaciana de papá Gobseck, n'esse organismo chupado pela doença, quasi sem sangue nem nervos, de braços pendentes e olhos amoreticados, protegidos do traumatismo luminoso por quebra-luzes de tafetá — etc.»



O mesmo quanto ao traumatismo luminoso.
Um artista diria outra coisa. Mas n'um medico — *traumatismo* é de rigor.



Os artistas, porém, são profundamente ignorantes, como se prova pelo seguinte depoimento do auctor citado :

«Eça de Queiroz, n'um almoço em Seide, ao ver n'um prato este alambreado nectar da culinaria antiga, exclamou: «Mas isto realmente é mel? Pensei que o mel já não existia... uma imagem dos tempos arcadicos». Toques da ignorancia affectada dos artistas.»

Os artistas são, com effeito, ignorantissimos.
Mas quê! E' a tradição.
Shakespeare não tinha sequer o Curso Superior de Lettras.



Vejamos agora, do mesmo auctor, um pouco d'arte pura — sem d'artros e sem traumatismos.

Aqui está :

«Reverberações luminosas retocam a palheta d'oiro a paysagem — quadro sem matizes bordado a cabello loiro sobre o espelho do ceu, que se emoldura venezianamente no vizeo do horizonte.»

Uma belleza... d'hortaliça.



Mais litteratura, mas agora, da official.
O sr. Sousa Monteiro. — ó da guarda !

«O conde de Ficalho não morreu para nós, agora que o n'elle mortal e terreno se volveu, como terreno e mortal que era, á terra de que veiu, e se extinguiu na morte, a que todos com todo o nosso, na frase do poeta antigo, nos devemos.»

Mais :

«Nosso pois o consideremos e n'uma acta da segunda classe a que elle tanto se ufania e a que tinha tanto direito, de pertencer, mais uma vez manifeste esta gloriosa instituição pela minha, á falta de outra voz mais eloquente senão mais amiga, a profunda magua que tal perda causa, a profunda saudade que tal morte inspira.»

Vozes : — Basta ! Basta !
Façamos a vontade ao publico.
Adiante.



Os jornaes continuam a fazer a propaganda do milagre.
Assim, lla-se um d'estes dias :

«A explosão arruinou os predios lateraes, morrendo sob as paredes que desabaram, tres creanças ; salvaram-se por milagre, duas que estavam proximas das que pereceram.»



Está bem. As duas creanças salvaram-se por milagre. Somente, é preciso saber quem o fez.

Um milagre não é tão pequena façanha que se fique no anonymo.

Deu-se um milagre. Venha o nome do santo.

O FERRADOR.

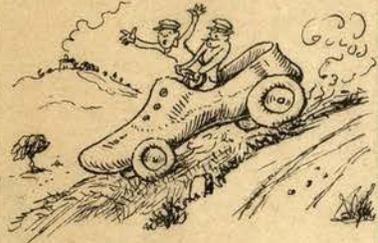


Sport

Como lá fóra, visto que é preciso ser-se do *sport* em todas as suas maneiras, na pacata espera ao sr. Conde da Penha Longa á Azambuja, um dos automoveis foi por uma ribanceira abaixo.

Nem automovel, nem *sportmen* nem ribanceira, soffreram damno algum

O que é a brandura dos nossos costumes !



O Phantasma

Somtra de que a gente pasma ;
Como te chamas, Phantasma
Da mais tetrica visão ?...
— Deficit eu sou chamado ;
Mas o desavergonhado
Ferra-me a alcunha de cão.



Sães de medonhas cavernas
P'ra nossas penas eternas
Crescerem no seu tamanho ?...
— Isso não posso contar-te...
Eu saío de tanta parte,
Que já não sei d'onde venho.

Se a sombra tua é ingrata,
Porque é que alguém não te mata,
Pondo-te em cima pé forte ?...
— Ninguem tem sido capaz,
Mas surgiu um Ferrabraz...
E d'esse é que espero a morte !

Phantasma de velha fama,
Dize lá como se chama
Quem nos vem livrar do arranco ?...
— Affirmam as gentes sabias
Que é um homem das Arabias,
E dá p'lo nome de Franco.

— Pois desejo ir abraçal-o ;
Em prosa e verso acclamal-o
Por essas ruas e praças !...
Já não ralho nem suspiro ;
Ai, ai, tiro, liro, liro,
Já lá vão nossas desgraças !



A sua
peor obra.



Do seu author offerece o author
Mustavo Bordallo Pinheiro 1903

Reprodução d'uma folha do album offerecido a Raphael Bordallo Pinheiro